

Consolações Diante do Sofrimento

Consolations in the Face of Suffering

Leonidio Schulz Görll¹

Marcelo Saldanha²

Resumo: O presente artigo examina a compreensão do sofrimento humano nas *Catorze Consolações para os que Sofrem e Estão Onerados*, de Martinho Lutero, à luz do conceito de *Anfechtung*. O objetivo é esclarecer o significado desse conceito e sua importância para a interpretação luterana do sofrimento. A pesquisa busca responder à questão de como os ensinamentos de Lutero presentes nessa obra podem contribuir para a compreensão contemporânea da experiência do sofrimento. Para isso, realiza uma revisão dos escritos de Lutero e dialoga com seus principais comentadores. Trata-se de uma pesquisa exploratória baseada em investigação bibliográfica. Os resultados indicam que o conceito de *Anfechtung* em Lutero é complexo e marcado por uma estrutura dialética, descrevendo a vida cristã como uma experiência contínua de provação, luta e dependência da graça divina. Além disso, a *Anfechtung* constitui uma característica essencial da existência cristã, fortalecendo a união da pessoa crente com Cristo e oferecendo uma importante chave interpretativa para a compreensão das *Catorze Consolações* e de sua proposta de consolo diante do sofrimento.

Palavras-chave: Lutero. *Anfechtung*. Sofrimento. Teologia da Cruz. Catorze Consolações.

Abstract: This article examines the understanding of human suffering in Martin Luther's *Fourteen Consolations for Those Who Labor and Are Heavy Laden* in light of the concept of *Anfechtung*. Its objective is to clarify the meaning of this concept and its significance for Luther's interpretation of suffering. The study seeks to answer how Luther's teachings

¹ Bacharel em Teologia (Instituto Concórdia de São Paulo); especialista em Psicanálise Clínica (Faculdade de Ciências e Educação pela UNIVES, Espírito Santo); Mestre em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo/RS); Mestre em Teologia (Seminário Concórdia, São Leopoldo/RS), atualmente é doutorando do PPG da Faculdades EST com bolsa da CAPES. E-mail: leonidiosg@seminarioconcordia.com.br

² Doutor em Filosofia pela Universidade da Beira Interior, em Portugal, mestre em Teologia no Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST, bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia das Faculdades EST e licenciado em Artes visuais pela Claretiano. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4690-1483>.

in this work may contribute to a contemporary understanding of the experience of suffering. To this end, it reviews Luther's writings and engages in dialogue with his main interpreters. This is an exploratory study based on bibliographical research. The findings indicate that Luther's concept of *Anfechtung* is complex and characterized by a dialectical structure, describing the Christian life as a continuous experience of trial, struggle, and dependence on divine grace. Furthermore, *Anfechtung* constitutes an essential feature of Christian existence, strengthening the believer's union with Christ and providing an important interpretive key for understanding the *Fourteen Consolations* and its proposal of comfort in the face of suffering.

Keywords: Luther. *Anfechtung*. Suffering. Theology of the Cross. *Fourteen Consolations*.

Introdução

O sofrimento constitui uma das experiências mais universais da existência humana. Independentemente da época, da cultura ou da condição social, homens e mulheres são confrontados com enfermidades, perdas, limitações, angústias e a própria realidade da morte. Por essa razão, o sofrimento tem sido objeto de reflexão em diferentes áreas do conhecimento, que buscam compreender sua natureza, suas causas e as formas pelas quais os seres humanos procuram enfrentá-lo.

Embora os avanços científicos e tecnológicos tenham proporcionado melhores condições de vida em diversos aspectos, eles não eliminaram as inquietações fundamentais relacionadas à finitude, à culpa, ao medo e à busca por sentido. Nesse contexto, o sofrimento continua a desafiar não apenas a medicina e as ciências humanas, mas também a reflexão teológica. O sofrimento pode ser visto por vários ângulos, mas a antropologia teológica procura compreender o ser humano em sua integralidade, evitando reduzi-lo a explicações meramente biológicas, psicológicas ou sociológicas. Como observa Schumacher, a reflexão teológica busca "ver os seres humanos na sua totalidade, e não analisamos em forma de informação técnica isolada de ordem genética, biológica, comportamental ou de condicionamento social".³

Essa perspectiva torna-se particularmente relevante quando se considera a permanência do fenômeno religioso na experiência humana. Apesar das previsões que anunciavam o declínio ou desaparecimento da religião na modernidade, ela continua exercendo profunda influência sobre indivíduos e comunidades. A religião permanece oferecendo narrativas, símbolos, práticas e interpretações que auxiliam as pessoas a lidar com questões relacionadas ao

³ SCHUMACHER, William W. Antropologia em Lutero e Osiander: uma diferença que persiste. In: BUSS, Paulo Wille (Org.). *Lutero e a Antropologia*. Porto Alegre: Concórdia, 2017. p. 49.

sofrimento, à esperança e à morte. Nesse sentido, Magalhães e Portela afirmam que “o humano, em sua capacidade cognitiva e simbólica, seria impensável sem a forma como a religião constituiu a própria humanidade”.⁴

É justamente nesse horizonte que se insere a contribuição de Martinho Lutero. Vivendo em um contexto marcado por profundas transformações culturais, sociais e religiosas, o reformador dedicou significativa atenção às experiências humanas de angústia, culpa, medo e sofrimento. Ansiedade, insegurança espiritual e temor diante do juízo divino faziam parte do universo religioso do final da Idade Média, influenciando diretamente sua trajetória pessoal e sua produção teológica.⁵ Como resultado, seus escritos oferecem uma interpretação do sofrimento que ultrapassa explicações exclusivamente morais ou psicológicas, inserindo-o na dinâmica da fé cristã e da relação entre Deus e o ser humano.

Um conceito particularmente importante para compreender essa reflexão é o termo alemão *Anfechtung*. Frequentemente traduzido por palavras como tentação, provação, aflição ou angústia, o termo possui um significado mais amplo e complexo na obra de Lutero. Ele descreve a experiência existencial do ser humano confrontado pela realidade do pecado, pela ação do mal, pela fragilidade da condição humana e pelo aparente ocultamento de Deus. Ao mesmo tempo, a *Anfechtung* constitui um elemento central da vida cristã, pois é precisamente em meio às provações que a fé é conduzida a depender exclusivamente da graça divina.

Essa compreensão do sofrimento encontra-se profundamente vinculada à teologia da cruz desenvolvida por Lutero. Diferentemente da chamada teologia da glória, que procura reconhecer a ação de Deus por meio do poder, do sucesso e das evidências visíveis de sua atuação, a teologia da cruz afirma que Deus frequentemente se revela de maneira paradoxal nos contextos de fraqueza, sofrimento e aparente abandono. Por essa razão, a reflexão sobre o sofrimento ocupa lugar central na espiritualidade e na teologia luteranas.

Diante disso, o presente artigo tem por objetivo analisar a compreensão do sofrimento humano presente nas *Catorze Consolações para os que Sofrem e Estão Onerados*, de Martinho Lutero, com especial atenção ao conceito de *Anfechtung* e às implicações teológicas e pastorais dessa reflexão.⁶ Trata-se de um texto escrito em 1520 para o príncipe eleitor Frederico, o Sábio, durante uma grave enfermidade. Frederico foi príncipe-eleitor da Saxônia a partir de 1486 e

⁴ MAGALHÃES, Antonio; PORTELA, Rodrigo. *Expressões do Sagrado – Reflexões sobre o fenômeno religioso*. Aparecida: Santuário, 2012, p. 26.

⁵ TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 2000, p. 228.

⁶ LUTERO, Martinho. *Catorze Consolações*. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. vol. 2. p. 11-47.

desempenhou papel decisivo nos acontecimentos iniciais da Reforma, influenciando profundamente a cultura e a vida religiosa de seu tempo.⁷

A pesquisa procura responder de que maneira os ensinamentos presentes nas *Catorze Consolações* podem contribuir para uma compreensão contemporânea do sofrimento humano. Para isso, realiza-se uma investigação bibliográfica baseada nos escritos de Lutero e no diálogo com seus principais comentadores. Parte-se da hipótese de que a compreensão luterana do sofrimento oferece uma perspectiva teológica capaz de reinterpretar a experiência da dor a partir de Cristo crucificado e das promessas do Evangelho. Busca-se demonstrar, assim, a permanência da relevância pastoral dessa reflexão para pessoas que enfrentam enfermidade, sofrimento e morte.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, desenvolvida a partir da análise das *Catorze Consolações* de Martinho Lutero e do diálogo com comentadores contemporâneos, especialmente Jane Strohl, Dennis Ngien, Alister McGrath e Vítor Westhelle.

1. Lutero e suas Cartas

Entre os diversos escritos produzidos por Martinho Lutero, suas cartas ocupam um lugar de destaque para a compreensão de sua atuação pastoral. Embora seja frequentemente lembrado como reformador, professor universitário e teólogo, Lutero também exerceu intensa atividade de aconselhamento espiritual por meio da correspondência pessoal. Em diferentes momentos de sua vida, procurou manter contato próximo com pessoas que enfrentavam crises espirituais, enfermidades, perseguições, luto e outras formas de sofrimento.

Mesmo diante das exigências impostas pelo movimento da Reforma, Lutero manteve o hábito regular de escrever cartas, conciliando sua atividade acadêmica com o exercício do cuidado pastoral. Essa prática não se limitava a autoridades políticas ou eclesiásticas, mas alcançava igualmente pessoas simples que buscavam orientação espiritual. Suas cartas eram dirigidas a governantes, líderes religiosos, teólogos, professores e cristãos comuns, sempre com a preocupação de aplicar a Palavra de Deus às circunstâncias concretas da vida humana.⁸

A importância dessas correspondências pode ser percebida na diversidade de situações abordadas. Saunders, ao analisar o aconselhamento pastoral de Lutero, destaca cartas dirigidas a Elsa Agrícola, Jerome Weller, Jonas von Stockhausen, Margaret Eschat, o príncipe Joaquim de Anhalt, George Spenlein e

⁷ DICIONÁRIO DE LUTERO. São Leopoldo: Sinodal; São Leopoldo: Faculdades EST. 2021. p. 496.

⁸ Para conhecer mais: *Luther: Letters of Spiritual Counsel* – 1 janeiro 1955. Theodore G Tappert (Editor).

Barbara Lisskirchen.⁹ Em cada uma delas, Lutero procura oferecer orientação espiritual específica para os desafios enfrentados por seus destinatários, revelando sensibilidade pastoral e profundo conhecimento da condição humana.

De forma semelhante, Ngien observa que os escritos pastorais de Lutero constituem uma importante fonte para compreender sua teologia do consolo. Ao analisar os princípios presentes em seu aconselhamento espiritual, o autor destaca obras como *Uma Carta de Consolo para Todos os que Sofrem Perseguição por Causa da Palavra de Deus* (1522), *A Todos os Cristãos de Worms* (1523), *Uma Carta Cristã de Consolo a Todo o Povo de Miltenberg* (1524), *Se Alguém Pode Fugir de uma Praga Mortal* (1527), *Uma Carta de Consolo aos Cristãos de Halle* (1527), *Que o Cristão Carregue Sua Cruz com Paciência* (1530) e *Consolo para as Mulheres que Sofreram Aborto Espontâneo* (1542).¹⁰

A recorrência do tema do sofrimento nessas correspondências não é acidental. Ela revela que as questões relacionadas à dor, à enfermidade, à morte e à angústia espiritual ocupavam lugar central tanto na experiência humana quanto na reflexão teológica de Lutero. Em vez de tratar esses temas apenas em obras dogmáticas ou acadêmicas, ele os enfrentava diretamente no contexto do cuidado pastoral, procurando oferecer consolo fundamentado nas Escrituras e na obra redentora de Cristo.

Nesse sentido, as cartas constituem uma importante janela para a compreensão da teologia prática de Lutero. Nelas, conceitos fundamentais da Reforma, como a justificação pela fé, a teologia da cruz, a centralidade da Palavra de Deus e a confiança nas promessas divinas, deixam de aparecer apenas como formulações doutrinárias e passam a ser aplicados às situações concretas da existência humana. A correspondência luterana demonstra que sua teologia não era concebida como um exercício puramente intelectual, mas como um instrumento de cuidado espiritual voltado para pessoas reais e seus sofrimentos cotidianos.

Além disso, essas cartas evidenciam que a reflexão de Lutero sobre o sofrimento não surgiu apenas da especulação teórica, mas foi desenvolvida no contexto do acompanhamento pastoral. Suas respostas às inquietações de seus correspondentes revelam uma preocupação constante em relacionar a realidade da dor humana com as promessas do Evangelho. Dessa forma, o sofrimento é interpretado não apenas como uma experiência existencial inevitável, mas também como um espaço no qual a fé é confrontada, fortalecida e conduzida à confiança em Deus.

⁹ SAUNDERS, Stephen M. *Martin Luther on Mental Health – Practical Advice for Christians Today*. St. Louis: Concordia Publishing House, 2019, p. 10-12.

¹⁰ NGIEN, Dennis. *Lutero como Conselheiro Espiritual: a interface entre a teologia e a piedade nos escritos devocionais de Lutero*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 261-298.

A partir dessa perspectiva, as *Catorze Consolações* podem ser compreendidas como uma das expressões mais elaboradas da atividade pastoral de Lutero. O tratado não constitui apenas uma reflexão teológica sobre o sofrimento, mas um exercício concreto de consolação dirigido a uma pessoa específica em meio à enfermidade. Essa dimensão pastoral torna-se ainda mais significativa quando examinamos o conceito de *Anfechtung*, categoria central para compreender a forma como Lutero interpretava a experiência cristã do sofrimento.

2. A *Anfechtung* em Lutero

Antes da análise das sete imagens do mal apresentadas por Lutero em sua carta a Frederico, o Sábio, torna-se necessário compreender o que o reformador tinha em mente quando falava sobre sofrimento. Um dos termos mais importantes para essa compreensão é *Anfechtung*, conceito recorrente em seus escritos teológicos, devocionais e pastorais.

Trata-se de uma palavra de difícil tradução para o português. Frequentemente, *Anfechtung* é traduzida como tentação, provação, aflição ou sofrimento. No entanto, nenhuma dessas expressões consegue abranger plenamente a riqueza semântica do termo na obra de Lutero. Marrs observa que *Anfechtung* descreve a condição de criaturas frágeis que lutam com uma angústia simultaneamente terrena, espiritual e existencial.¹¹ O conceito envolve experiências como ansiedade, tristeza, preocupação, angústia e tormento, sem se limitar a qualquer uma delas isoladamente.

A compreensão luterana de *Anfechtung* está intimamente relacionada à sua visão da condição humana. Para Lutero, o ser humano vive constantemente exposto aos ataques do diabo, do mundo e da própria natureza pecaminosa. Esses ataques podem atingir diferentes dimensões da existência, afetando o corpo, a mente, as emoções e a vida espiritual.¹² A experiência da *Anfechtung* surge precisamente nesse contexto de conflito, quando o indivíduo se vê confrontado por medos, dúvidas e incertezas que ameaçam sua confiança em Deus.

Essa dimensão pode ser observada na própria trajetória de Lutero. Grande parte de suas primeiras angústias estava relacionada ao temor do juízo divino e à possibilidade de condenação eterna. A descoberta do Evangelho, entretanto, transformou profundamente sua compreensão de Deus. Cristo deixou de ser visto primordialmente como juiz e passou a ser reconhecido como Salvador. Essa mudança não eliminou a realidade da *Anfechtung*, mas redefiniu sua

¹¹ MARRS, Rick W. *Making Christian Counseling More Christ Centered*. Bloomington, WestBow Press, 2019, p. 552

¹² OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 19.

interpretação. O sofrimento espiritual continuou presente, porém agora era enfrentado à luz da promessa do perdão e da graça divina.

Segundo McGrath, a *Anfechtung* em Lutero possui dois aspectos inseparáveis: por um lado, os ataques objetivos provenientes das forças espirituais contrárias a Deus; por outro, a ansiedade e o sofrimento subjetivos produzidos por esses ataques na experiência humana.¹³ A força do conceito reside justamente nessa articulação entre elementos externos e internos, evitando reduzir o sofrimento a uma causa exclusivamente psicológica ou espiritual.

Ngien amplia essa compreensão ao afirmar que Lutero chega a descrever a *Anfechtung* como um “delicioso desespero”.¹⁴ A expressão parece paradoxal, mas revela uma característica importante da espiritualidade luterana. O sofrimento espiritual pode conduzir ao desespero quando a pessoa olha apenas para si mesma. No entanto, quando a crise leva o indivíduo a confiar exclusivamente na graça de Deus, ela se transforma em ocasião de aprofundamento da fé. Nesse sentido, a *Anfechtung* não é apenas destrutiva; ela também desempenha uma função formativa na vida cristã.

Vítor Westhelle destaca que, para Lutero, a *Anfechtung* está profundamente relacionada à *tentatio*. O reformador reformulou a tradicional sequência medieval da formação teológica, substituindo o esquema *lectio, oratio* e *contemplatio* por *oratio, meditatio* e *tentatio*. A mudança não é apenas terminológica, mas revela uma nova compreensão do fazer teológico. Para Lutero, a verdadeira teologia não nasce apenas da leitura e da reflexão, mas também da experiência concreta da luta espiritual e do sofrimento. Como explica Westhelle:

Terceiro, há *tentatio, Anfechtung*. Esta é a pedra de toque que ensina não apenas a conhecer e compreender, mas também a experimentar como certo, quão verdadeira, quão doce, quão amável, quão poderosa, quão reconfortante é a Palavra de Deus, sabedoria além de toda sabedoria.' *Anfechtung* significa estar em provação, provação e tribulação, espiritual ou não. Esta é a 'pedra de toque' porque você não pode fazer teologia sem experimentar a cruz e sofrimento e perseguição. A oração e a meditação só devem levar à *Anfechtung* para que possamos saber que o Diabo e os seus asseclas estão de facto a ser confrontados.¹⁵

¹³ MCGRATH, Alister E. *Lutero e a Teologia da Cruz: A Ruptura Teológica de Martinho Lutero*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 223.

¹⁴ NGIEN, 2017, p. 261.

¹⁵ “Third, there is *tentatio, Anfechtung*. This is the touchstone that teaches you not only to know and understand, but also to experience how right, how true, how sweet, how lovely, how mighty, how comforting God's Word is, wisdom beyond all wisdom. *Anfechtung* means being in trial, probation, and tribulation, spiritual or otherwise. This is the 'touchstone' because you cannot do theology without experiencing cross and suffering and persecution. Prayer and meditation ought to lead to *Anfechtung* only so we may know that the Devil and his minions are indeed being confronted” (WESTHELLE, Vítor. *Luther's Theologia Crucis*. In: KOLB, Robert, DINGEL, Irenel

A interpretação proposta por Westhelle evidencia que a *Anfechtung* ocupa posição central na teologia da cruz. O sofrimento, a perseguição e as provações não são compreendidas como realidades periféricas da vida cristã, mas como experiências que colocam à prova a fé e conduzem o cristão a uma compreensão mais profunda da Palavra de Deus. A oração e a meditação não afastam necessariamente o sofrimento; muitas vezes conduzem o cristão a enfrentá-lo de forma mais consciente e madura.

Embora Marrs, McGrath, Ngien e Westhelle enfatizem aspectos distintos, suas interpretações convergem em um ponto fundamental: a *Anfechtung* descreve uma experiência integral de conflito que envolve simultaneamente dimensões espirituais, existenciais e relacionais da vida humana. Não se trata apenas de uma tentação moral, de um sofrimento psicológico ou de uma provação externa isolada, mas de uma experiência abrangente na qual o ser humano é confrontado com sua fragilidade, sua finitude e sua dependência radical da graça de Deus.

A partir das contribuições de Marrs, McGrath, Ngien e Westhelle, pode-se compreender a *Anfechtung* como uma experiência integral de provação, na qual se entrelaçam sofrimento espiritual, angústia existencial, ataques externos e conflitos interiores. Mais do que uma experiência ocasional, ela constitui uma característica recorrente da vida cristã, conduzindo o ser humano ao reconhecimento de sua fragilidade e à dependência da graça de Deus revelada em Cristo. Longe de indicar a ausência de Deus, a *Anfechtung* integra a própria existência cristã e oferece a chave interpretativa para a leitura das *Catorze Consolações*. Nessa perspectiva, as sete imagens do mal descrevem diferentes modos pelos quais o sofrimento se manifesta na existência humana e desafia a confiança nas promessas divinas, conduzindo o sofredor à contemplação de Cristo.

Essa síntese também evidencia que as interpretações dos comentadores são menos concorrentes do que complementares. Strohl evidencia a finalidade pastoral das *Catorze Consolações*; Westhelle demonstra que essa dimensão pastoral somente pode ser compreendida à luz da teologia da cruz; e Ngien amplia essa compreensão ao destacar o caráter formativo da *Anfechtung* na espiritualidade cristã. Em conjunto, essas perspectivas permitem interpretar a *Anfechtung* não apenas como uma experiência de sofrimento, mas como a categoria teológica que organiza a proposta pastoral das *Catorze Consolações*.

3. Frederico, o Sábio, e suas relíquias

A compreensão adequada das *Catorze Consolações* exige atenção ao contexto histórico e religioso em que a obra foi produzida. Nesse sentido, a figura de

Frederico III da Saxônia, conhecido como Frederico, o Sábio, ocupa papel central não apenas por ser o destinatário do tratado, mas também por representar importantes tensões religiosas presentes no início do século XVI.

Frederico promoveu, consciente ou inconscientemente, o desenvolvimento inicial da Reforma ao proteger Lutero em momentos decisivos de sua trajetória. Seu apoio político foi fundamental para que o reformador pudesse continuar seu trabalho mesmo diante das crescentes pressões das autoridades eclesiásticas e imperiais. Como destaca o *Dicionário de Lutero*, Frederico compreendeu a necessidade de reformas eclesiásticas e, ao mesmo tempo, participou dos processos de modernização administrativa característicos da transição para a Era Moderna.¹⁶

Sua biografia revela as complexidades de um período marcado pela coexistência de elementos medievais e renascentistas. Embora demonstrasse interesse pelas novas correntes intelectuais de seu tempo, Frederico permaneceu durante muitos anos ligado a diversas práticas da piedade medieval. O próprio fato de ter mantido a missa tradicional na Igreja de Todos os Santos em Wittenberg até o final de 1524 ilustra essa realidade. Apenas nos últimos anos de sua vida confessou publicamente a fé evangélica, recebendo a Ceia do Senhor sob as duas espécies, pão e vinho.¹⁷

Essa condição intermediária torna-se particularmente evidente em sua relação com as relíquias. Frederico possuía uma das maiores coleções de relíquias da Europa de seu tempo. Na relação elaborada em 1518 são mencionadas 17.443 peças religiosas.¹⁸ Na espiritualidade medieval, tais objetos não eram compreendidos apenas como recordações históricas ou expressões de devoção, mas desempenhavam funções espirituais específicas. Eram vistos como meios de obtenção de indulgências, instrumentos de proteção contra enfermidades e sinais concretos da graça divina.

Compreender a importância que Frederico lhes atribuía é essencial para entender a estratégia pastoral adotada por Lutero nas *Catorze Consolações*. Conhecendo não apenas a posição política do príncipe, mas também suas convicções religiosas e práticas devocionais, o reformador não opta por uma abordagem abstrata nem por uma simples exposição doutrinária. Ao contrário, parte do universo simbólico familiar ao seu destinatário, utilizando elementos associados à devoção às relíquias como ponto de partida para conduzi-lo a uma reflexão cristológica sobre o sofrimento.

Essa estratégia revela significativa sensibilidade pastoral. Lutero não inicia sua argumentação atacando diretamente a veneração das relíquias ou

¹⁶ DICIONÁRIO DE LUTERO, 2021. p. 497.

¹⁷ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 98.

¹⁸ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 11.

condenando as práticas religiosas de Frederico. Em vez disso, promove uma releitura teológica dessas imagens, deslocando gradualmente o centro da confiança das relíquias para Cristo crucificado. Aquilo que antes era percebido como fonte de proteção espiritual passa a apontar para a obra salvadora de Cristo como fundamento último do consolo.

Essa postura evidencia uma característica importante do método pastoral de Lutero. O reformador procura dialogar com a realidade concreta do sofredor, utilizando símbolos, experiências e referências já presentes em seu universo religioso. O consolo cristão não é apresentado como uma teoria distante da vida, mas como uma palavra dirigida a uma pessoa específica em meio à enfermidade, ao medo e à vulnerabilidade. A teologia nasce do encontro entre a Palavra de Deus e a realidade concreta daquele que sofre.

Por essa razão, compreender a relação de Frederico com as relíquias permite compreender melhor a própria estrutura das *Catorze Consolações*. O tratado não consiste apenas em uma exposição doutrinária sobre o sofrimento, mas em um exercício pastoral cuidadosamente elaborado para conduzir o sofredor de uma confiança depositada em objetos religiosos para uma confiança depositada exclusivamente em Cristo. Nessa transição já se percebe um dos elementos centrais da teologia da cruz: Deus oferece consolo não por meio das aparências de força e segurança, mas precisamente em meio à fragilidade humana e ao sofrimento. É nesse contexto histórico, religioso e pastoral que devem ser compreendidas as *Catorze Consolações*, cuja estrutura e proposta de consolo serão analisadas na seção seguinte.

4. As catorze consolações como construção do consolo cristão

Atendendo ao pedido de Jorge Espalatino, capelão da corte de Frederico, o Sábio, Lutero começou a trabalhar nas *Tessaradecas consolatoria pro laborantibus et oneratis* em agosto de 1519. O príncipe saxão encontrava-se gravemente enfermo após retornar da dieta imperial realizada em Frankfurt am Main, ocasião em que Carlos da Espanha foi escolhido para suceder seu avô como imperador do Sacro Império Romano. Profundamente consciente da dívida de gratidão que possuía para com Frederico, Lutero aproveitou a oportunidade para oferecer-lhe um escrito de consolo e encorajamento espiritual.¹⁹

O contexto da enfermidade de Frederico não constitui apenas um dado biográfico. Ele ajuda a compreender a natureza profundamente pastoral da obra. As *Catorze Consolações* não foram concebidas como um tratado acadêmico ou uma exposição sistemática da doutrina cristã, mas como uma palavra de consolo dirigida a uma pessoa concreta diante da possibilidade real da morte. Essa

¹⁹ STROHL, Jane E. Luther's Fourteen Consolations. In: WENGERT, Timothy J. (Ed.). *The Pastoral Luther*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009, p. 310.

circunstância confere ao texto uma dimensão existencial que atravessa toda a argumentação de Lutero.

Conhecendo o apreço de Frederico pelas relíquias e pelos chamados catorze santos auxiliares, Lutero constrói sua reflexão a partir desse universo simbólico. A devoção aos quatorze santos tinha origem na tradição medieval segundo a qual um pastor da Francônia teria recebido, em 1446, uma visão de Cristo cercado por quatorze santos considerados protetores em momentos de necessidade.²⁰ Em vez de rejeitar diretamente esse imaginário religioso, Lutero o utiliza como ponto de partida para conduzir o príncipe a uma compreensão cristocêntrica do sofrimento.

A escolha dessa estratégia revela significativa habilidade pastoral. O reformador não procura consolar Frederico por meio de abstrações teológicas nem mediante críticas imediatas às suas práticas devocionais. Ao contrário, parte daquilo que já era familiar ao seu destinatário para gradualmente redirecionar sua confiança. Trata-se de um movimento pedagógico que conduz o olhar do sofredor dos símbolos religiosos para a pessoa de Cristo.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente quando se considera o retábulo existente na cidade de Torgau, onde Frederico se encontrava enfermo. O altar apresentava a família sagrada ao centro, acompanhada dos irmãos Frederico e João, o Constante, e dos quatorze santos auxiliares em sua base.²¹ A própria composição visual da obra forneceu a Lutero uma estrutura simbólica para organizar sua reflexão pastoral.

Como observa Ngien, o tratado é construído a partir de dois grandes painéis: o primeiro dedicado à contemplação de sete males e o segundo à contemplação de sete bênçãos.²² Essa organização não é meramente literária. Ela expressa uma convicção teológica fundamental de Lutero: a fé cristã não ignora a realidade do sofrimento, mas aprende a contemplá-lo à luz da ação salvadora de Deus. O consolo não nasce da negação da dor, mas da sua reinterpretação à luz do Evangelho.

A estrutura da obra revela, portanto, uma pedagogia espiritual cuidadosamente construída. Em vez de iniciar pelas bênçãos, Lutero começa pelos males. O sofrimento é encarado com seriedade e realismo. Somente depois de reconhecer a profundidade da condição humana é que o leitor é conduzido à contemplação das bênçãos divinas. Esse movimento reflete a própria lógica da teologia da cruz, segundo a qual Deus frequentemente se revela onde os olhos humanos enxergam apenas fraqueza, perda e sofrimento.

²⁰ NGIEN, 2017, p. 83.

²¹ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 12.

²² NGIEN, 2017, p. 83.

Nesse sentido, as *Catorze Consolações* não constituem apenas um texto sobre o sofrimento, mas um exercício de formação espiritual. Lutero ensina o cristão a interpretar a realidade de forma diferente. O sofrimento deixa de ser percebido apenas como sinal de abandono ou desgraça e passa a ser situado dentro da história maior da ação redentora de Deus. A contemplação dos males prepara o caminho para a contemplação das bênçãos, e ambas encontram sua unidade em Cristo.

Por isso, a obra pode ser compreendida como uma expressão exemplar da teologia da cruz aplicada ao cuidado pastoral. Como observa Ngien, Lutero procura conduzir Frederico do culto às relíquias para Cristo, ensinando-o a perceber os sofrimentos da vida como oportunidades para contemplar a graça de Deus.²³ O objetivo do tratado não consiste em explicar teoricamente o sofrimento, mas em fortalecer a confiança do sofredor na obra redentora de Cristo.

Compreendida a lógica pastoral que estrutura a obra, torna-se possível analisar mais detidamente as sete imagens do mal apresentadas por Lutero, que constituem o primeiro grande painel de sua reflexão sobre o sofrimento humano.

5. As sete imagens do mal

Lutero utiliza o universo simbólico familiar a Frederico como recurso pedagógico para desenvolver uma reflexão sobre a realidade do mal e suas consequências para a existência humana. Cada uma delas focaliza uma dimensão específica dessa realidade. As sete imagens do mal apresentadas por Lutero não constituem uma sequência de reflexões independentes, mas compõem uma estratégia pastoral cuidadosamente elaborada para conduzir o sofredor a reinterpretar sua experiência à luz da fé cristã. À luz da compreensão desenvolvida até aqui, as sete imagens podem ser compreendidas como expressões concretas da *Anfechtung*, pois descrevem diferentes modos pelos quais o sofrimento se manifesta na existência humana e desafia a confiança nas promessas de Deus.

A primeira imagem – O mal dentro de nós

“Isto é certo e verdadeiro, quer a pessoa creia, quer não: não pode haver na pessoa sofrimento tão grande que seja o pior dos males que estão dentro dela.”²⁴

A primeira imagem ocupa posição fundamental na estrutura das *Catorze Consolações*, pois estabelece o ponto de partida antropológico da reflexão de Lutero. Antes de considerar os sofrimentos externos, o reformador convida o sofredor a olhar para a realidade do mal presente em seu próprio interior. A

²³ NGIEN, 2017, p. 84.

²⁴ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 16.

intenção não é aumentar a dor daquele que sofre, mas colocá-la em perspectiva diante da condição humana marcada pelo pecado.

Para Lutero, o ser humano é essencialmente pecador. Entretanto, a profundidade dessa condição não é plenamente percebida pela pessoa. Pela misericórdia de Deus, a totalidade desse mal permanece parcialmente oculta, pois sua percepção integral conduziria ao desespero. O reconhecimento dessa realidade ocorre principalmente pela fé e pela ação da Palavra de Deus na consciência humana.

A leitura de Jane Strohl permite compreender que Lutero inicia sua argumentação justamente pelo mal interior porque ele constitui a raiz mais profunda da aflição humana. O sofrimento que efetivamente experimentamos representa apenas uma pequena parcela daquilo que mereceríamos em razão do pecado. O verdadeiro mal permanece em grande parte oculto, tornando-se perceptível especialmente quando a consciência é perturbada e a fé vacila.²⁵

Essa compreensão aparece claramente quando Lutero afirma: “Assim, evidencia-se que, nesta vida, a ausência de dor na pessoa sempre é maior do que a dor, não porque não estivesse presente todo o mal, mas porque, pela bondade de Deus, que o esconde, a pessoa não tem consciência dele e não o sente.”²⁶ O argumento procura mostrar que a misericórdia divina já se manifesta no próprio fato de Deus não permitir que o ser humano perceba integralmente a gravidade de sua condição.

Teologicamente, essa primeira imagem está diretamente relacionada à compreensão luterana do pecado. O problema mais profundo da existência humana não reside nas circunstâncias externas, mas na ruptura do relacionamento com Deus. Os sofrimentos visíveis da vida apontam para uma realidade mais profunda: a fragilidade da condição humana diante do Criador. Dessa forma, Lutero desloca o foco do sofrimento imediato para a necessidade da graça divina.

Ao mesmo tempo, a reflexão não conduz ao desespero. O reconhecimento do mal interior é acompanhado pela consciência da misericórdia de Deus. Aquele que revela a gravidade do pecado é o mesmo Deus que oferece perdão e reconciliação por meio de Cristo. A contemplação do mal interior prepara, assim, o caminho para a contemplação da graça.

²⁵ “Luther begins with the evil within, the depth of which, by God’s mercy, is seen only by faith and never fully experienced. The evil we actually suffer is only the tip of the iceberg, and so at any given moment our freedom from pain is greater than the pain we ought rightfully feel. This true evil, though hidden from us, does nonetheless make itself known in the troubled conscience when faith falters and in our recurrent awareness that nothing we do in this world is whole and perfect” (STROHL, Jane E., 2009, p.314.). Tradução nossa.

²⁶ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 17.

Pastoralmente, essa primeira imagem procura impedir que o sofrimento seja interpretado apenas a partir das circunstâncias presentes. A dor atual continua sendo real, mas deixa de ser vista como a maior tragédia possível. O sofredor é conduzido a reconhecer que sua esperança não depende da ausência de sofrimento, mas da ação misericordiosa de Deus que continua sustentando sua vida mesmo em meio à fragilidade e ao pecado.

Essa primeira imagem estabelece o fundamento para todas as demais. Uma vez reconhecida a realidade do mal presente no interior humano, Lutero passa a considerar os males que cercam a existência e ameaçam o ser humano a partir de fora, tema da segunda imagem.

A segunda imagem – O mal à nossa frente

“A tal ponto ninguém está livre e a salvo dos males de qualquer outra pessoa, mas qualquer coisa que um sofre, o outro também o pode sofrer.”²⁷

Depois de refletir sobre o mal presente no interior humano, Lutero direciona o olhar para os males que ainda podem acontecer. A segunda imagem trata das ameaças futuras que cercam a existência humana e da inquietação produzida pela consciência de que ninguém está totalmente protegido contra enfermidades, perdas, acidentes, fracassos ou a própria morte.

Lutero reconhece que uma parte significativa do sofrimento humano não decorre de dores efetivamente experimentadas, mas do temor em relação ao futuro. A simples possibilidade de sofrer pode tornar-se fonte de angústia no presente. O ser humano tende a projetar-se continuamente para aquilo que ainda não aconteceu, imaginando cenários de perda e sofrimento que frequentemente produzem medo antes mesmo de qualquer acontecimento concreto.

Por essa razão, o reformador convida o sofredor a contemplar sua situação a partir de uma perspectiva diferente. Em vez de concentrar a atenção nos inúmeros males que poderiam ocorrer, ele propõe reconhecer os muitos males dos quais já fomos preservados. O simples fato de não estarmos sofrendo todas as enfermidades, tragédias e aflições possíveis já constitui um testemunho da providência divina. Deus estabelece limites ao poder do mal e continua sustentando sua criação mesmo em meio às ameaças que a cercam.

Essa compreensão está relacionada à doutrina da providência. Para Lutero, Deus não atua apenas na salvação eterna, mas também no cuidado cotidiano da criação. Os perigos que ameaçam a existência humana não operam de maneira autônoma ou ilimitada. Mesmo quando não compreendemos seus caminhos, Deus permanece governando a história e estabelecendo limites para as forças que

²⁷ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 18.

ameaçam a vida humana. Essa convicção permite enfrentar o futuro não com segurança absoluta, mas com confiança.

Entre todos os males possíveis, Lutero destaca a morte como a maior fonte de temor humano. Ele observa que muitas pessoas prefeririam suportar inúmeros sofrimentos desde que pudessem escapar da morte. Por isso escreve: “Ninguém há que não preferisse sujeitar-se a todos esses males se com isso lhe fosse dado fugir do mal da morte. A este temeram também os santos, a ele se sujeitou Cristo com pavor e suor de sangue [...]”²⁸ A morte aparece como a síntese de todas as inseguranças humanas diante do futuro.

Entretanto, a reflexão de Lutero não termina nesse ponto. Em um movimento característico da teologia da cruz, ele relativiza o poder da morte ao compará-la com uma realidade ainda mais grave: a condenação eterna. Citando Cipriano, o reformador recorda que muitos cristãos consideraram a morte um livramento diante dos perigos espirituais que ameaçam a existência humana.²⁹ A morte continua sendo um inimigo real e doloroso, mas deixa de ocupar o lugar de mal supremo.

Do ponto de vista da teologia luterana, essa inversão de perspectiva é profundamente significativa. A morte não é negada nem romantizada. O próprio Cristo a enfrentou com temor e sofrimento. Contudo, à luz da morte e ressurreição de Cristo, ela já não possui a palavra final sobre a existência humana. O futuro permanece incerto, mas não está entregue ao acaso nem ao poder absoluto do mal. Ele permanece sob o governo daquele que venceu a morte e prometeu vida eterna aos que nele confiam.

Essa reflexão continua relevante para a experiência contemporânea. Em contextos marcados pela ansiedade, pela insegurança econômica, pelas crises sociais e pela constante necessidade de controlar o futuro, a perspectiva de Lutero oferece uma contribuição importante. Em vez de alimentar a ilusão do controle absoluto, ela convida o cristão a viver sustentado pela confiança na providência de Deus e nas promessas do Evangelho.

No âmbito do cuidado pastoral, a segunda imagem procura libertar o sofredor da tirania dos males imaginados. O consolo não nasce da certeza acerca de tudo o que acontecerá amanhã, mas da confiança naquele que permanece fiel em todas as circunstâncias. O futuro continua desconhecido, mas não deixa de estar sob os cuidados de Deus. Dessa forma, a contemplação dos males futuros transforma-se em um exercício de confiança na providência divina.

Depois de considerar o mal presente dentro de nós e os males que podem surgir à nossa frente, Lutero conduz o leitor a olhar para trás, contemplando a ação de Deus ao longo da própria história. Esse é o tema da terceira imagem.

²⁸ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 19.

²⁹ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 20.

A terceira imagem – O mal atrás de nós

“Porque ninguém sente a presença da mão de Deus sobre si com mais intensidade do que quando recorda os anos da vida passada.”³⁰

Depois de contemplar os males que habitam no interior humano e aqueles que ameaçam a existência a partir do futuro, Lutero dirige o olhar para trás. A terceira imagem convida o sofredor a recordar sua própria história e a reconhecer a ação de Deus em meio aos inúmeros perigos, dificuldades e aflições já enfrentados ao longo da vida.

O argumento desenvolvido pelo reformador parte de uma observação simples: os seres humanos tendem a concentrar sua atenção na dor presente e a esquecer os inúmeros momentos em que foram preservados, sustentados e protegidos. A memória torna-se, assim, um importante instrumento de consolação. Em vez de enxergar apenas as dificuldades atuais, o cristão é convidado a recordar quantas vezes Deus já demonstrou seu cuidado ao longo de sua caminhada.

Lutero chama a atenção para o fato de que grande parte da vida transcorre sem que o ser humano tenha pleno controle sobre sua própria existência. Dormimos sem saber se despertaremos no dia seguinte. Trabalhamos sem possuir garantia absoluta acerca dos resultados de nossos esforços. Vivemos diariamente cercados por riscos e limitações que frequentemente passam despercebidos. Ainda assim, a vida continua sendo sustentada. Essa constatação leva o reformador a reconhecer a ação constante da providência divina mesmo nas situações mais ordinárias da existência.

Nesse contexto, a memória deixa de ser apenas uma recordação de fatos passados e assume uma dimensão teológica. Recordar significa reconhecer retrospectivamente a fidelidade de Deus. O olhar para o passado permite perceber que inúmeras situações que pareciam ameaçadoras foram atravessadas com o auxílio divino. Dessa forma, a lembrança dos cuidados recebidos fortalece a confiança necessária para enfrentar as aflições do presente.

Essa perspectiva possui profundas raízes bíblicas. Ao longo das Escrituras, o povo de Deus é constantemente exortado a lembrar-se das ações salvadoras do Senhor. A memória da libertação do Egito, da preservação no deserto e do cumprimento das promessas divinas ocupa papel central na vida de Israel. De maneira semelhante, Lutero compreende que a recordação das misericórdias de Deus fortalece a fé e impede que o sofrimento presente obscureça completamente a percepção da graça divina.

³⁰ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 21.

Ao comentar essa passagem, Jane Strohl observa que Lutero procura conduzir o sofredor a reconhecer que sua existência inteira está envolvida pelo cuidado providencial de Deus.³¹ O objetivo não é negar a realidade das dificuldades atuais, mas impedir que elas sejam interpretadas isoladamente da história mais ampla da ação divina. O sofrimento presente torna-se mais compreensível quando situado dentro de uma trajetória marcada por inúmeros sinais da misericórdia de Deus.

Essa reflexão também dialoga com desafios contemporâneos. Em uma cultura marcada pela velocidade das informações, pela valorização do imediato e pela fragmentação da experiência humana, a memória frequentemente perde sua função formadora. A proposta de Lutero recorda que a esperança cristã não se alimenta apenas das expectativas em relação ao futuro, mas também da lembrança concreta da fidelidade divina experimentada ao longo da vida.

Essa leitura reforça teologicamente a doutrina da providência. Deus não está presente apenas nos grandes acontecimentos da história da salvação, mas também nos detalhes da existência cotidiana. O passado torna-se testemunha da ação contínua de Deus na vida humana. Por isso, a memória das misericórdias recebidas transforma-se em fundamento para a esperança diante das aflições atuais.

Para o cuidado de almas, essa imagem oferece um importante recurso para aqueles que atravessam períodos de sofrimento intenso. Quando a dor presente parece obscurecer toda a realidade, a recordação da fidelidade de Deus impede que o sofrimento seja interpretado como prova definitiva de abandono. O Deus que sustentou sua criação no passado continua sendo o mesmo no presente. A memória das graças já recebidas fortalece a confiança de que sua misericórdia continuará acompanhando aqueles que nele esperam.

Depois de olhar para dentro de si, para o futuro e para o passado, Lutero conduz o leitor a contemplar uma realidade ainda mais profunda: o juízo divino e a condenação eterna. Surge, assim, a quarta imagem, na qual o sofrimento humano é colocado diante do maior de todos os males.

A quarta imagem – O mal abaixo de nós

“Por isso, o primeiro dos males abaixo de nós é a morte, o outro é o inferno.”³²

A quarta imagem conduz o leitor a uma realidade ainda mais profunda do que os sofrimentos experimentados nesta vida. Depois de contemplar o mal presente no interior humano, os perigos futuros e as aflições já vividas no

³¹ STROHL, 2009, p. 315.

³² OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 23.

passado, Lutero direciona a atenção para aquilo que considera o mais grave de todos os males: a separação eterna de Deus.

À primeira vista, essa reflexão pode parecer excessivamente severa para alguém que busca consolo. No entanto, a intenção de Lutero não é produzir terror religioso nem intensificar o sofrimento do enfermo. Seu objetivo consiste em estabelecer uma adequada ordem de grandeza entre os diversos males que afetam a existência humana. Os sofrimentos terrenos são reais e dolorosos, mas não constituem o mal supremo. Existe uma realidade mais profunda relacionada à condição pecaminosa do ser humano diante de Deus.³³

Essa perspectiva encontra suas raízes na compreensão luterana da justificação. Para Lutero, o problema fundamental da humanidade não consiste nas enfermidades, nas perdas ou mesmo na morte física. O maior drama humano é a ruptura do relacionamento com Deus causada pelo pecado. Somente quando essa realidade é reconhecida torna-se possível compreender plenamente a profundidade da obra redentora de Cristo.

Ao refletir sobre o inferno e a condenação, o reformador procura mostrar que a misericórdia divina já está presente no simples fato de os seres humanos não experimentarem aquilo que realmente mereceriam em razão de seus pecados. A existência continua sendo sustentada pela paciência, pela longanimidade e pela graça de Deus. Mesmo em meio ao sofrimento, a vida permanece cercada por sinais da misericórdia divina.

Lutero afirma que o cristão deve contemplar essa realidade não para permanecer fixado nela, mas para reconhecer a grandeza da salvação recebida em Cristo. O inferno representa a consequência última do pecado, mas não constitui o destino daqueles que foram alcançados pela graça de Deus. Em Cristo, Deus intervém precisamente no ponto mais profundo da necessidade humana, oferecendo reconciliação, perdão e vida eterna.

Jane Strohl observa que, nessa imagem, Lutero procura deslocar o foco do sofrimento presente para a magnitude da redenção realizada por Cristo.³⁴ O consolo não nasce da minimização da dor, mas da comparação entre os sofrimentos temporais e a realidade da salvação eterna. Quanto maior a percepção do perigo do qual Cristo liberta o ser humano, maior também se torna a percepção da graça recebida.

A centralidade de Cristo torna-se particularmente evidente nesse contexto. A libertação da condenação eterna não é resultado de méritos humanos, práticas religiosas ou esforços morais. Ela é fruto exclusivo da obra salvadora realizada por Cristo em sua morte e ressurreição. Assim, o sofrimento humano é

³³ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 24.

³⁴ STROHL, 2009, p. 315.

reinterpretado não a partir da capacidade humana de suportá-lo, mas a partir da ação graciosa de Deus em favor da humanidade.

Sob o ponto de vista teológico, essa imagem expressa de maneira clara a dinâmica de Lei e Evangelho presente na teologia luterana. A Lei revela a gravidade do pecado e a realidade do juízo divino. O Evangelho, por sua vez, anuncia que Cristo assumiu sobre si a condenação que cabia aos pecadores. A contemplação do inferno não é o destino final da reflexão, mas o caminho que conduz à contemplação ainda mais profunda da graça.

Essa perspectiva também possui importantes implicações pastorais. Em momentos de sofrimento intenso, é comum que a pessoa interprete sua dor como sinal do abandono divino. Lutero procura combater essa percepção ao recordar que o maior ato de misericórdia de Deus já foi realizado em Cristo. O sofrimento presente continua sendo doloroso, mas não possui a palavra final sobre a existência humana. O destino do cristão não é determinado pela aflição atual, mas pela promessa da salvação.

Por fim, a quarta imagem evidencia uma característica central da teologia da cruz. Deus não remove imediatamente todas as formas de sofrimento da vida humana, mas oferece algo ainda maior: a reconciliação definitiva consigo mesmo. À luz dessa realidade, os sofrimentos temporais são relativizados não porque sejam insignificantes, mas porque são colocados diante da realidade maior da redenção conquistada por Cristo.³⁵

Depois de contemplar o mal supremo representado pela condenação eterna, Lutero conduz o leitor a voltar seu olhar para aqueles que frequentemente se tornam instrumentos do sofrimento humano. Surge, assim, a quinta imagem, dedicada aos inimigos e perseguidores que se encontram à esquerda do cristão.

A quinta imagem – O mal à esquerda

“Aqui temos que colocar diante dos olhos a grande quantidade de adversários e pessoas más, e neles é preciso ver primeiro quantos males não causaram [...] mas que queriam [nos] causar, não tivesse Deus disposto as coisas de tal forma que não o puderam [...]”³⁶

A quinta imagem desloca a reflexão para uma dimensão relacional do sofrimento. Depois de contemplar o mal presente no interior humano, os perigos futuros, os males passados e a realidade da condenação eterna, Lutero dirige o olhar para aqueles que frequentemente se tornam instrumentos do sofrimento humano: os inimigos, perseguidores e pessoas más.

³⁵ NGIEN, 2017, p. 90.

³⁶ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 24.

A escolha dessa imagem não é acidental. Como príncipe-eleitor da Saxônia, Frederico estava familiarizado com conflitos políticos, disputas de poder e hostilidades de diferentes naturezas. A experiência de sofrer por causa das ações de outras pessoas fazia parte de sua realidade cotidiana. Contudo, Lutero procura conduzi-lo a interpretar essa experiência a partir de uma perspectiva diferente daquela normalmente adotada pelos seres humanos.

Em vez de concentrar a atenção no dano efetivamente sofrido, Lutero convida o leitor a considerar quantos males poderiam ter acontecido e foram impedidos pela ação providencial de Deus. A ênfase não recai sobre a força dos inimigos, mas sobre os limites que Deus estabelece para sua atuação. Assim como havia feito nas imagens anteriores, o reformador procura ampliar o horizonte do sofredor, mostrando que a misericórdia divina se manifesta também na restrição do mal.

Ao comentar essa passagem, Ngien observa que os sofrimentos físicos e as perseguições experimentadas pelos cristãos apontam para uma realidade ainda mais profunda: a condição espiritual daqueles que vivem afastados de Deus. Os horrores visíveis do sofrimento humano refletem a gravidade de uma situação espiritual muito mais séria, percebida apenas à luz da revelação divina.³⁷ Nessa perspectiva, os inimigos deixam de ser vistos apenas como agentes do sofrimento e passam a ser compreendidos também como pessoas necessitadas da graça de Deus.

Essa inversão de perspectiva é característica da teologia da cruz. A lógica humana tende a responder ao mal com ressentimento, vingança ou autocomiseração. Lutero, porém, conduz o cristão a uma postura diferente. Em comparação com a situação espiritual dos ímpios, o sofrimento temporário suportado pelo cristão torna-se menos decisivo do que normalmente parece. Como observa Strohl:

Mais uma vez, em comparação com os agentes do mal à nossa esquerda, isto é, as pessoas más, deveríamos maravilhar-nos com o dano limitado que Deus lhes permite infligir, em vez de lamentar a dor que temos de suportar de vez em quando por parte deles. Além disso, estas pessoas são dignas de pena quando a sua situação é contrastada com a dos cristãos.³⁸

³⁷ NGIEN, 2017, p. 91.

³⁸ *"Again, in comparison to the agents of evil on our left hand, that is, wicked people, we should marvel at the limited damage God permits them to inflict rather than bemoan the pain we must endure now and again from them. Moreover, these persons are to be pitied when their situation is contrasted to that of Christians"* (STROHL, 2009, p. 315). Tradução nossa.

A consequência pastoral dessa reflexão é surpreendente. O sofrimento causado pelos inimigos não deve conduzir o cristão ao ódio, mas à compaixão. A preocupação principal deixa de ser a própria dor e passa a incluir o destino espiritual daqueles que praticam o mal. O cristão é chamado a olhar para seus adversários com os olhos de Cristo, reconhecendo que eles também necessitam da misericórdia divina.

É nesse contexto que Lutero recorda o exemplo de Cristo. O Senhor não apenas suportou a hostilidade dos seus inimigos, mas entregou-se voluntariamente por eles. Sua morte e descida aos infernos tornam-se expressão máxima de um amor que busca a salvação até mesmo daqueles que se opõem a Deus. Por isso, Lutero escreve: “ardendo deste zelo e fogo, Cristo por nós morreu e desceu aos infernos, deixando-nos o exemplo, para que também nós estejamos preocupados com os males dos outros desta mesma maneira, esquecidos de nossos males, sim, que os desejemos.”³⁹

Essa imagem evidencia, em chave teológica, que o sofrimento cristão não deve produzir isolamento ou endurecimento do coração. Pelo contrário, ele pode tornar-se ocasião para o exercício da compaixão, da intercessão e do amor aos inimigos. A cruz de Cristo redefine a maneira como o cristão interpreta aqueles que lhe causam sofrimento.

Assim, a quinta imagem amplia ainda mais o horizonte do consolo cristão. O sofredor deixa de olhar apenas para si mesmo e passa a contemplar a realidade dos outros, inclusive daqueles que lhe fazem mal. Nessa perspectiva, o sofrimento não conduz necessariamente ao fechamento em si mesmo, mas pode tornar-se oportunidade para participar do amor sacrificial manifestado por Cristo.

Depois de contemplar os inimigos à esquerda, Lutero dirige o olhar para o lado oposto. Surge então a sexta imagem, na qual os amigos, os santos e a comunhão dos fiéis tornam-se fonte de encorajamento e consolação para aqueles que sofrem.

A sexta imagem – O mal à direita

“À direita estão nossos amigos, em cujos males nosso mal é mitigado.”⁴⁰

Depois de contemplar os inimigos à esquerda, Lutero conduz o sofredor a voltar seus olhos para aqueles que compartilham da mesma fé. A sexta imagem introduz uma dimensão comunitária do consolo cristão, mostrando que o sofrimento nunca é uma experiência exclusivamente individual. Os amigos à

³⁹ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 26.

⁴⁰ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 26.

direita representam tanto os irmãos na fé que caminham ao nosso lado quanto os santos e mártires que testemunharam sua fé ao longo da história da Igreja.

A estratégia pastoral de Lutero consiste em relativizar o sofrimento presente por meio da contemplação dos sofrimentos suportados por outros servos de Deus. O objetivo não é estabelecer uma competição entre dores nem minimizar a aflição experimentada pelo indivíduo. Antes, trata-se de recordar que o sofrimento faz parte da caminhada do povo de Deus em todas as épocas.

Ao mencionar figuras como João Batista, Jeremias e tantos outros exemplos bíblicos, Lutero procura mostrar que a experiência do sofrimento não constitui sinal de abandono divino. Pelo contrário, aqueles que mais intensamente serviram a Deus frequentemente enfrentaram oposição, perseguição, perdas e aflições. O cristão que sofre encontra consolo ao reconhecer que participa de uma história compartilhada por inúmeros testemunhos de fé.

Nesse contexto, a comunhão dos santos adquire especial relevância. A fé cristã não é vivida isoladamente, mas em comunhão com todos aqueles que pertencem a Cristo. O sofrimento, portanto, não rompe essa comunhão; muitas vezes a fortalece. A memória dos santos e mártires torna-se fonte de encorajamento, lembrando ao sofredor que outros percorreram caminhos semelhantes e foram sustentados pela graça divina.

Ngien destaca que Lutero interpreta o sofrimento à luz de Hebreus 12.4-11, compreendendo-o como disciplina paterna de Deus.⁴¹ Essa linguagem não deve ser entendida como simples punição pelos pecados individuais, mas como expressão do cuidado de Deus para com seus filhos. O sofrimento não é apresentado como evidência de rejeição, mas como realidade que permanece sob o senhorio divino e que pode ser utilizada por Deus para fortalecer a fé. Essa perspectiva torna-se evidente quando Lutero escreve:

Qualquer desses sofrimentos, porém, santifica e beatifica, desde que o ames. Por esta razão, não resta desculpa. Numa palavra: tão logo confessares que estás sofrendo justamente por causa dos seus pecados, és justo e santo como o bandido da direita. Pois a confissão dos pecados, visto que é a verdade, justifica e santifica, e imediatamente, no momento desta confissão, já não sofres pelos pecados mas pela inocência. Pois o justo só sofre inocentemente. Mas tu te tornaste justo pela confissão do sofrimento merecido e de teus pecados.⁴²

Esse trecho revela uma das conexões mais profundas entre sofrimento e justificação na teologia de Lutero. O sofrimento não possui poder para

⁴¹ NGIEN, 2017, p. 92.

⁴² OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 28.

determinar a identidade do cristão. A identidade do cristão é determinada pela justificação recebida pela fé. Por isso, mesmo em meio às aflições, o crente permanece alguém reconciliado com Deus por causa de Cristo.

Outro aspecto importante destacado por Lutero é a necessidade de contemplar os próprios sofrimentos à luz da paixão de Cristo. Esse tema aparece de forma particularmente clara em seu sermão sobre a contemplação do santo sofrimento de Cristo.⁴³ A cruz torna-se o critério último para interpretar todas as experiências de dor. Os sofrimentos dos santos apontam para Cristo, e Cristo dá sentido aos sofrimentos dos santos.

Ngien observa que essa dinâmica está relacionada à distinção agostiniana, assumida por Lutero, entre Cristo como sacramento e Cristo como exemplo.⁴⁴ Primeiro, Cristo é recebido pela fé como aquele que salva. Depois, torna-se modelo para a vida cristã. A contemplação adequada da cruz não produz apenas consolo, mas também transformação, levando o cristão a participar do amor e da paciência manifestados por Cristo.

Na prática pastoral, a sexta imagem oferece um importante antídoto contra o isolamento produzido pelo sofrimento. Quando a dor parece tornar-se incompreensível ou solitária, a comunhão dos santos recorda que ninguém sofre sozinho diante de Deus. A história da Igreja, o testemunho dos mártires e a presença dos irmãos na fé tornam-se instrumentos pelos quais Deus fortalece aqueles que atravessam períodos de provação.

Assim, a sexta imagem amplia ainda mais o horizonte do consolo cristão. O sofrimento deixa de ser interpretado apenas como experiência individual e passa a ser compreendido dentro da comunhão daqueles que pertencem a Cristo. Os amigos à direita testemunham que Deus continua sustentando seu povo em todas as épocas.

Depois de contemplar os inimigos à esquerda e os amigos à direita, Lutero conduz o leitor ao ponto culminante de toda a sua reflexão. Surge então a sétima imagem, na qual o olhar é elevado para Cristo crucificado, fundamento último de todo consolo cristão.

A sétima imagem – O mal acima de nós

“Por fim, deve-se elevar o coração e subir ao monte da mirra com a noiva. Aqui está crucificado Jesus Cristo, o cabeça de todos os santos, príncipe de todos os sofredores, a respeito do qual muitos escreveram muito e todos tudo, como convém.”⁴⁵

⁴³ OBRAS SELECIONADAS, 1987, v 1, p. 249-256.

⁴⁴ NGIEN, 2017, p. 92.

⁴⁵ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 29.

A sétima imagem constitui o ápice teológico e pastoral das *Catorze Consolações*. Todas as reflexões anteriores convergem para este ponto, pois o consolo definitivo não se encontra na correta compreensão dos diversos males que cercam a existência humana, mas na contemplação de Cristo crucificado. Depois de ampliar progressivamente o horizonte do sofredor, Lutero finalmente dirige seu olhar para aquele em quem todas as consolações encontram seu fundamento.

A estrutura da obra revela um movimento cuidadosamente construído. Os males interiores, futuros, passados, infernais, os inimigos e até mesmo os sofrimentos compartilhados com os amigos e santos não possuem significado isolado. Todos eles encontram sua interpretação definitiva na pessoa e na obra de Cristo. É somente à luz da cruz que o sofrimento humano pode ser compreendido adequadamente.

Nesse contexto, a contemplação de Cristo desloca a questão do “porquê” do sofrimento para a certeza da presença de Deus em meio à dor. A preocupação de Lutero é outra. Ele procura mostrar onde Deus está presente quando o sofrimento acontece. A resposta da teologia da cruz é clara: Deus está presente precisamente naquele que sofreu, morreu e ressuscitou pela humanidade.

Ngien observa que a última imagem conduz o leitor para o centro da espiritualidade luterana.⁴⁶ O sofrimento não é enfrentado por meio da fuga da realidade nem pela negação da dor, mas pela contemplação da obra redentora de Cristo. O Crucificado torna-se o lugar onde o cristão aprende a interpretar tanto sua própria condição quanto a ação de Deus no mundo.

Particularmente significativa é a maneira como Lutero ressignifica a linguagem das relíquias. Conhecendo a devoção de Frederico, o Sábio, o reformador utiliza categorias familiares ao príncipe para conduzi-lo a uma compreensão mais profunda do Evangelho. Em vez de apontar para objetos sagrados ou fragmentos associados aos santos, ele dirige a atenção para aquilo que chama de “doces relíquias de Cristo”. Assim escreve:

Visto que beijas, amas e abraças a túnica de Cristo, os vasilhames, as jaras, e tudo que Cristo tocou e de que fez uso, considerando-os as mais doces relíquias, como que consagradas por seu tato, por que não amarias, abraçarias, beijarias muito mais os castigos, os males do mundo, a ignomínia e a morte não só consagrados por seu tato, mas também tingidos e benditos por seu puríssimo sangue, e, além disso, abraçados com a vontade do coração e por um amor preocupado ao máximo? Em especial porque neles há para ti méritos, recompensas, bens muito maiores do que naquelas relíquias, porque neles te é

⁴⁶ NGIEN, 2017, p. 94.

oferecida a vitória sobre a morte, o inferno e todos os pecados, enquanto que naquelas nada disso é oferecido.⁴⁷

A imagem é teologicamente impactante. O sofrimento de Cristo não é apresentado apenas como exemplo moral de perseverança, mas como o acontecimento central da salvação. As feridas de Cristo, sua paixão, sua morte e sua ressurreição tornam-se o verdadeiro tesouro espiritual do cristão. Aquilo que antes era buscado nas relíquias medievais agora é encontrado exclusivamente na pessoa do Salvador.

Essa reflexão não deve ser confundida com uma glorificação do sofrimento. Lutero não ensina que a dor seja boa em si mesma nem convida os cristãos a procurá-la deliberadamente. O que ele afirma é que Cristo entrou na realidade do sofrimento humano e a transformou a partir de dentro. A cruz demonstra que Deus não permanece distante das aflições humanas, mas participa delas e as assume em sua própria história.

Na lógica da teologia da cruz, a sétima imagem representa uma de suas expressões mais claras. Deus revela sua glória precisamente onde os olhos humanos enxergam apenas fraqueza, derrota e morte. O Crucificado torna-se o lugar privilegiado da revelação divina. Por essa razão, o sofrimento do cristão não pode ser interpretado apenas como sinal de abandono ou fracasso. À luz da cruz, ele é inserido em uma realidade maior, marcada pela promessa da redenção.

Ngien destaca que a contemplação de Cristo conduz inevitavelmente à esperança da ressurreição.⁴⁸ A cruz não constitui o ponto final da narrativa cristã. Aquele que sofreu é também aquele que venceu a morte. Assim, a última palavra sobre a existência humana não pertence ao sofrimento, mas à vida nova inaugurada pela ressurreição de Cristo.

Jane Strohl sintetiza adequadamente o movimento da obra ao afirmar que as sete imagens do mal não possuem finalidade autônoma. Elas existem para conduzir o leitor à contemplação de Cristo e da graça de Deus manifestada na cruz.⁴⁹ O verdadeiro consolo cristão não nasce da ausência do sofrimento, mas da certeza de que Cristo está presente em meio a ele.

Como culminação do cuidado pastoral desenvolvido ao longo do tratado, essa última imagem oferece o fundamento de todas as demais consolações apresentadas por Lutero. A providência divina, a memória da fidelidade de Deus, a comunhão dos santos e a esperança diante da morte encontram sua base na pessoa e na obra de Cristo. Por isso, a contemplação do Crucificado não

⁴⁷ OBRAS SELECIONADAS, 1989, v. 2, p. 30.

⁴⁸ NGIEN, 2017, p. 94.

⁴⁹ STROHL, 2009, p. 318.

aparece apenas como mais uma imagem entre outras, mas como a chave interpretativa que confere unidade a toda a reflexão.

Assim, esta última imagem nos conduz para a realidade de que Cristo santificou “todas as formas de morrer, todo sofrimento e perda, toda maldição e vergonha”.⁵⁰ Mesmo que na aparência externa, o sofrimento e a morte da pessoa cristã não diferem dos demais, a partir de Cristo acontece algo novo: a morte está morta sendo esta o começo da vida. Tal experiência é vista como que um processo de “transubstanciação”, permanecendo os acidentes da existência os mesmos à vista externa, enquanto a substância é profundamente alterada. Desta maneira, todos os sofrimentos são semelhantes na aparência, mas na realidade, os sofrimentos experimentados pelas pessoas cristãs são o início da libertação do sofrimento [*impassibilitatis initia*], assim como a morte cristã é o início da vida.

Consideradas em conjunto, as sete imagens confirmam a interpretação desenvolvida neste estudo. Mais do que descrever diferentes formas de sofrimento, elas constituem um itinerário pastoral organizado a partir da lógica da *Anfechtung*, conduzindo progressivamente o sofredor da experiência da aflição para a confiança na obra redentora de Cristo. Desse modo, as *Catorze Consolações* revelam uma compreensão do sofrimento que encontra sua unidade não na classificação dos males, mas na centralidade da cruz e na promessa do Evangelho.

Considerações finais

O presente artigo analisou a compreensão do sofrimento humano nas *Catorze Consolações para os que Sofrem e Estão Onerados*, de Martinho Lutero, tomando como eixo interpretativo o conceito de *Anfechtung*. A investigação procurou responder de que maneira os ensinamentos presentes nessa obra podem contribuir para uma compreensão contemporânea do sofrimento humano.

A análise demonstrou que, em Lutero, a *Anfechtung* ultrapassa a ideia de uma simples tentação ou prova isolada. Trata-se de uma experiência existencial que envolve sofrimento espiritual, angústia, fragilidade e conflito, conduzindo a pessoa cristã ao abandono da autoconfiança e à dependência da graça de Deus. Longe de representar apenas um obstáculo à fé, ela constitui um elemento formador da vida cristã e uma importante chave hermenêutica para a compreensão das *Catorze Consolações*.

O estudo evidenciou também que o tratado possui caráter profundamente pastoral. Escrito para Frederico, o Sábio, em um contexto de enfermidade, ele não procura oferecer uma explicação teórica para o sofrimento, mas conduzir o sofredor à confiança nas promessas do Evangelho. A estrutura das sete imagens

⁵⁰ NGIEN, 2017, p. 94.

do mal revela uma pedagogia espiritual que amplia progressivamente o horizonte do leitor, culminando na contemplação de Cristo crucificado como fundamento último de todo consolo.

Nesse sentido, a principal contribuição das *Catorze Consolações* consiste em reinterpretar o sofrimento cristão a partir da cruz de Cristo. Em vez de centrar a reflexão nas causas da dor ou na busca de explicações teóricas para o sofrimento, Lutero orienta o olhar do sofredor para a ação salvadora de Deus revelada em Cristo. Por isso, o verdadeiro consolo cristão não nasce da eliminação do sofrimento, mas da confiança de que Deus permanece presente mesmo em meio às aflições. É nessa convicção, sustentada pela promessa do Evangelho, que as *Catorze Consolações* continuam oferecendo esperança, encorajamento e sentido para a experiência humana do sofrimento.

A análise desenvolvida neste estudo permite sustentar que a *Anfechtung* não constitui apenas um conceito entre outros na espiritualidade de Lutero, mas a categoria hermenêutica que organiza sua compreensão do sofrimento e confere unidade à proposta pastoral das *Catorze Consolações*.

Embora as *Catorze Consolações* continuem oferecendo importantes recursos para a reflexão cristã sobre o sofrimento, é necessário reconhecer que a obra foi produzida em um contexto histórico específico, marcado por concepções religiosas, antropológicas e cosmológicas distintas das atuais. Por essa razão, sua atualização exige um trabalho hermenêutico que preserve suas intuições teológicas centrais sem simplesmente reproduzir categorias do século XVI. Sua relevância contemporânea reside precisamente na capacidade de reinterpretar sua compreensão da cruz, da graça e do sofrimento para os desafios pastorais do presente.

Referências

DICIONÁRIO DE LUTERO. São Leopoldo: Sinodal; São Leopoldo: Faculdades EST. 2021.

LUTERO, Martinho. Um Sermão sobre a Contemplação do Santo Sofrimento de Cristo. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. vol. 1. p. 249-256.

LUTERO, Martinho. *Catorze Consolações*. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. vol. 2. p. 11-47.

MARRS, Rick W. *Making Christian Counseling More Christ Centered*. Bloomington, WestBow Press, 2019. [e-book]

MCGRATH, Alister E. *Lutero e a Teologia da Cruz – A Ruptura Teológica de Martinho Lutero*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

NGIEN, Dennis. *Lutero como Conselheiro Espiritual: a interface entre a teologia e a piedade nos escritos devocionais de Lutero*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

OBRAS SELECIONADAS. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2.

SAUNDERS, Stephen M. *Martin Luther on Mental Health – Pratical Advice for Christians Today*. St. Louis: Concordia Publishing Houses, 2019. E-book (158 p.).

SCHUMACHER, William W. Antropologia em Lutero e Osiander: uma diferença que persiste. In: BUSS, Paulo Wille (Org.). *Lutero e a Antropologia*. Porto Alegre: Concórdia, 2017.

STROHL, Jane E. Luther's Fourteen Consolations. In: WENGERT, Timothy J. (Ed.). *The Pastoral Luther*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009.

WESTHELLE, Vítor. Luther's Theologia Crucis. In: KOLB, Robert, DINGEL, Irenel E BATKA, L'ubomír (Ed.). *The oxford handbook of Martin Luther's theology*, United Kingdom: Oxford University Press, 2014.

Submetido: 06/12/2024

Aprovado: 09/07/2026